

presença simbólica dos Açores e um sinal político de proximidade, especialmente nos momentos marcantes da vida comunitária. É isso que tenciono fazer, logo que seja possível, por obrigação e por gosto.

Como sabe, para além da Casa dos Açores da Nova Inglaterra, que tem desempenhado um excelente papel na criação de iniciativas que visam a promoção dos Açores, existem várias estruturas associativas açorianas aqui pela Nova Inglaterra, como vê o seu papel na divulgação e promoção das tradições e costumes da terra de origem?

As Casas dos Açores são embaixadas representativas da açorianidade, também na Costa Leste dos Estados Unidos, desde a primitiva Casa dos Açores do Estado de Rhode Island, presidida pelo senador John Correia, até à sua sucessora e atual Casa dos Açores da Nova Inglaterra, com as sucessivas presidências de Paulo Bettencourt, José Soares, João Luís Morgado Pacheco, João Carlos Tavares, Mariano Alves, Mário Ventura, Nélia Alves-Guimarães e, agora, Francisco Viveiros.

Mas o movimento associativo que estrutura e dinamiza as comunidades açorianas vai muito além das Casas dos Açores e, no caso da Nova Inglaterra, tra-

duz-se mesmo em dezenas ou centenas de pequenos ou grandes clubes ou associações, de caráter social, cultural, recreativo, religioso ou desportivo, mais ou menos ativos, que muito contribuem para a preservação e para a afirmação da nossa identidade na sociedade americana.

Todas estas estruturas associativas colocam as bandeiras de Portugal e dos Açores, orgulhosamente, ao lado da bandeira dos Estados Unidos, pelo que merecem o nosso respeito pessoal e o nosso apoio institucional.

E o papel dos órgãos de comunicação social nesta região?

Se a nossa estratégia passa por aproximar cada vez mais os Açores contemporâneos e a diáspora açoriana, então os órgãos de comunicação social e as novas plataformas de informação assumem aqui um papel absolutamente central.

A comunicação social, que sempre foi indispensável, ganha agora uma importância ainda maior num tempo de pandemia que condiciona os contatos presenciais.

É pelas redes sociais, pela informação digital, pelas televisões, pelas rádios, ainda e sempre pelos jornais, que melhor nos relacionamos uns com os outros, para a coesão do espírito comunitário e para a

aproximação transatlântica às nossas origens.

Como profissional de comunicação social que sou, tenciono apostar, tanto quanto possível, nessa mesma dimensão mediática para podermos vencer a distância e o tempo.

É preciso reforçar a informação entre as duas margens do Rio Atlântico, como lhe chamou Onésimo Teotónio de Almeida, e temos para isso diferentes ideias a concretizar oportunamente.

Em 2016 revestiu-se de sucesso a iniciativa de reunir os órgãos de comunicação social açorianos da diáspora com os existentes nos Açores. Prevê-se no futuro iniciativa idêntica?

A aproximação mediática entre os Açores e a Diáspora passa também por aí. Temos de promover encontros de cooperação, fomentar intercâmbios de jornalistas, desenvolver trabalho conjunto por parte da comunicação social dos dois lados.

A açorianidade só ganha com isso. E, para isso, podemos contar com excelentes órgãos de comunicação social, nas nossas ilhas e na nossa diáspora.

Permito-me aqui destacar, neste âmbito, o próprio Portuguese Times, que saúdo na pessoa do seu diretor Francisco

Resendes, pela circunstância especial de comemorar este ano as bodas de ouro da sua fundação.

Aqui está um exemplo notável de meio século de serviço prestado à comunidade açoriana da Nova Inglaterra. Os meus parabéns ao nosso jornal!

Uma mensagem aos açorianos da diáspora...

A minha mensagem é de reconhecimento e de confiança. Reconhecimento pelo trabalho que desenvolvem, individualmente ou no âmbito do movimento associativo, para a preservação da nossa identidade cultural e para a valorização da nossa cidadania ativa no contexto próprio das sociedades de acolhimento.

Confiança no trabalho conjunto que faremos, lado a lado, para aproximar ainda mais a relação dos Açores com as suas comunidades e para tornar ainda melhor a afirmação da açorianidade no mundo.

Estamos a viver hoje um momento muito difícil, mas temos de acreditar que o amanhã será melhor para todos com o contributo de cada um. Pela minha parte, farei tudo o que puder.

*Exclusivo Portuguese Times/
Diário dos Açores*

A comunidade lusa e a pandemia nos EUA

POR AUGUSTO PESSOA, NOS EUA

Não tem sido fácil, como nada é fácil neste mundo quando se fala com honestidade na preservação de antigos projetos, alguns centenários que identificam a nossa presença nos EUA.

Tudo corria dentro da normalidade sem nada prever o aparecimento do fim da vida de milhões de pessoas, número superior ao dizimado pela segunda guerra mundial.

Nada fazia prever que um vírus, sabe-se lá com que origem causaria uma tragédia mundial, iniciada em março de 2020.

Uma tragédia que atingiu toda a gente.

E aqui sem distinção de cor, raça, estrato social. E entre estes os portugueses e as suas dignificantes presenças.

Dizia Paul Tavares, tesoureiro estadual e músico fundador da banda de Nossa Senhora do Rosário de Providence, na passagem dos 50 anos daquela conceituada banda. "Não há bandas francesas, italianas, irlandesas. Só há bandas portuguesas".

Mas estas só sobrevivem graças aos trabalhos que fazem durante o ano e a abrilhantar festas e romarias. Vão de maio a setembro, primordialmente com as festas do Espírito Santo.

Organizam jantares para angariação de fundos. Orientadas por ativos e conhecedores elementos, vão somando anos.

Fazem a parada do Dia de Portugal/RI e a nosso pedido quando ao serviço do canal 20 "Comunidade em Foco" davam concerto no final da parada, que gravado era transmitido para alegria de músicos e familiares.

Mas quando tudo parecia seguir os trâmites normais, a propagação do vírus

impede a abertura do ciclo do Espírito Santo em maio de 2020.

E a situação complica-se para as irmandades com sede própria. Impedidos de fazer a festa anual.

O carnaval. A matança do porco. As vendas de malassadas. As cantorias. E com 24 mil dólares de taxes, além da luz, calor, ar condicionado e mais gastos inerentes à manutenção de um edifício.

Diziam-nos "será que a cidade não podia dar uma ajuda? Pagamos licenças durante todo o ano, pelo que um alívio nos impostos seria uma grande ajuda.

Isto é um problema generalizado que só consegue ser ultrapassado pela eficácia dos seus membros.

Têm as cotas dos membros e a esperança de que a vacina venha abrir um universo de melhores dias.

Temos organizações que se têm dedicado ao "take out" como forma de angariação de fundos.

E aqui uma vez mais os bons e ativos elementos a darem a sua colaboração.

Chamam para amigos e familiares. Informam os pratos regionais que os interessados vão buscar à sexta-feira.

Outras têm restaurante próprio, já com popularidade criada. Em sistema de "take out" e presenças reduzidas por lei estadual, vão conseguindo sobreviver.

Mas organizações em que as festas anuais, canceladas, em 2020, pesam forte no apoio financeiro à organização.

Apresentação da rainha, matança do porco, apresentação da comissão de festas, casal do ano, tudo coroado com a centenária festa anual.

E como será este ano?

Mas temos aqueles que com maior estrutura têm desfrutado de apoios, internos dado que dão guarida às mais diversas atividades e ali encontram um teto



para se reunir.

Com o "credo" na boca perguntam a eles mesmo: Como será o 2021? Presenças altivas. Marcos históricos. Num trabalho meritório. Elevam-se as igrejas.

As presenças nos atos religiosos são reduzidas por motivo de precaução. Mas os gastos são os mesmos.

Direi aumentaram com os produtos de desinfecção. Mas as portas mantêm-se abertas.

Quem receia a adesão mais numerosa ao sábado e ao domingo, pode usufruir dos mesmos serviços, com menor aderência de fiéis durante a semana.

Contacte a sua igreja ou consulte a internet para os horários da solene eucaristia.

Manter em excelentes condições igrejas centenárias é o manter viva uma herança de antepassados que atravessaram a situação da grave depressão, cuja vitória

foi penosa, da mesma forma que agora se atravessa a crise da pandemia do coronavírus que está a deixar pelo caminho milhões de mortos e cuja vitória depende da vacina já a ser administrada.

São ciclos que põem à prova a fragilidade do homem e ao mesmo tempo a sua eficácia na resolução do problema.

Seja ele de um simples Clube do Espírito Santo à grandiosidade da descoberta de uma vacina em tempo recorde e que possa trazer a solução para uma catástrofe de números assustadores.

Mas quando se vêem milhares de pessoas sem máscara, agarrados uns aos outros a festejar uma conquista desportiva é de bradar aos céus. Tanta inconsciência. Tanto desprezo pela vida.

E o mais grave, pela vida dos outros.

*Exclusivo Portuguese Times/
Diário dos Açores*